

Periodicidade: Diário

Classe: Economia/Neócios

Âmbito: Nacional

Tiragem: 11000

Temática: Sociedade

Dimensão: 963 cm<sup>2</sup>

Imagem: S/Cor

Página (s): 67



Foto: Cecilia

## AESE expande formação à Madeira

A 'business school' quer chegar a todas as geografias onde há dirigentes nacionais.

Almerinda Romeira  
aromeira@jornaleconomico.pt

A formação de executivos com assinatura da AESE vai chegar à Madeira. A escola de negócios e a ACIF – Câmara de Comércio e Indústria da Madeira estabeleceram uma parceria "na formação de executivos e no desenvolvimento de trabalhos de investigação que potenciem uma gestão mais eficaz dos recursos das empresas" desta região autónoma, explicou Ricardo Marcelo, diretor do General Management Program (GMP) da AESE, ao Jornal Económico.

Os empresários madeirenses poderão, a partir de agora, beneficiar de formação, ferramentas de gestão e de uma 'network', até aqui só acessíveis a quem frequentasse a AESE no continente.

A rota de "aproximação institucional" entre ambas as partes foi iniciada em julho de 2015 e agora concretizada. Durante esse período, foram estudadas diversas formas de "promover a formação dos gestores e executivos" da região, onde a AESE realiza, há já três anos letivos consecutivos, atividades para os seus antigos alunos.

O entendimento entre esta 'business school' e a estrutura empresarial da região autónoma da Madeira é visto, na Palma de Baixo, como um passo importante na estratégia de chegar a todas as geografias onde há dirigentes portugueses. Poderá vir a ser replicado? "Por agora, não estamos a trabalhar em mais nenhuma parceria concreta. No entanto, é um cenário que não está fora de horizonte", admitiu Ricardo Marcelo.

A escola quer alargar o círculo do seu impacto social. "Nasceram para melhorar a formação dos dirigentes portugueses e queremos chegar a todas as geografias em que se encontram", justificou o responsável.

Refira-se que a AESE tem vindo a apostar no aumento da sua oferta formativa. Neste âmbito destaca para o General Management Program criado há quatro anos. Este programa, que funciona por módulos e foi pensado para diretores de primeira linha das organizações já trouxe a Lisboa executivos de vários distritos do país e da região autónoma da Madeira. Além disso, a escola promove em todo o país as designadas "sessões de continuidade", cujo objetivo é assegurar formação contínua aos executivos. ■

## Um novo ano letivo



Pedro Lourtie  
Professor aposentado do Instituto Superior Técnico

Estará a Medicina a perder capacidade de atração? Estará a enfraquecer o fenómeno que tantas vezes se disse existir de alunos que não iam para Medicina por vocação, mas porque tinham nota para entrar?

Nesta altura do ano, são conhecidos os resultados da primeira fase do acesso ao ensino superior público. É noticiado se as notas dos últimos colocados subiram ou desceram, quais os cursos em que é mais elevada e, há dias, um diário titulava que a Medicina foi "destronada".

As notas de ingresso variam de ano para ano em função da procura do curso relativamente ao número de vagas ou das notas nas provas de ingresso. As notas internas do ensino secundário também contam, mas não têm tido variação significativa.

Os cursos com as três notas mais elevadas são, este ano, todos cursos de engenharia que estavam no ano passado em 2.º, 5.º e 8.º lugar, no meio de cursos de Medicina e de uma Bioengenharia. Em 1060 cursos, subir uma, três ou mesmo cinco posições não é muito, mas já pode ser relevante se soubermos que os resultados dos exames fariam prever o resultado contrário. Os três cursos de engenharia têm Física e Química e Matemática A como provas de ingresso, enquanto os cursos de Medicina têm estas mesmas provas e ainda Biologia e Geologia. Como a média dos exames de Biologia e Geologia subiu de 2015 para 2016, esperar-se-ia que as notas dos candidatos a Medicina subissem mais do que as dos de Engenharia.

Estará a Medicina a perder

capacidade de atração? Estará a enfraquecer o fenómeno que, tantas vezes, se disse existir de alunos que não iam para Medicina por vocação, mas porque tinham nota para entrar? Ou será efeito da mensagem de que se está a formar médicos a mais?

O aumento do número total de candidatos, pelo terceiro ano consecutivo, é uma boa notícia. A quebra de demográfica, diminuta no presente e injustamente acusada no passado, está ilibada, embora seja de prever o início de uma quebra demográfica daqui a 3 ou 4 anos.

A tutela aproveitou o momento para divulgar dados sobre o prosseguimento de estudos no ano de 2014 dos alunos que concluíram cada uma das modalidades de ensino secundário: científico-humanístico (84%), profissional (18%), artístico especializado (55%) ou tecnológico (61%). Seria interessante saber também o que aconteceu aos outros e as razões porque não continuaram a estudar.

Esta informação, bem como se, não continuando de imediato, voltam a procurar o sistema de ensino mais tarde, ajudaria a perceber os percursos educativos e avaliar as possibilidades reais, e não apenas formais, de prosseguimento de estudos. Em particular, se existe passagem entre as vias profissional e académica. ■